

Abismo diminui na capital

As diferenças entre riqueza e pobreza no DF caíram entre 2000 e 2010, segundo o IDHM. Tendência se repete nacionalmente

» PALOMA SUERTEGARAY

O comerciante Sérgio Reis Lopes da Silva, 29 anos, veio do Piauí para o Distrito Federal há 20 anos e mora na Estrutural há cinco. Devido ao trabalho, vai diariamente para o Plano Piloto, onde faz negócios nas Asas Sul e Norte, além de visitar shoppings das redondezas. Quando compara as áreas nobres à região em que vive, encontra muitas diferenças. "Lá, é muito organizado e com opção de tudo", diz, timidamente, apoiado na bicicleta que usa para percorrer as ruas de terra da vizinhança. Mesmo assim, ele acredita que a Estrutural mudou bastante na última década e tem fé no futuro. "Antes, faltava ônibus, esgoto, educação. Agora, não temos tanto do que reclamar", afirma.

A história de Sérgio reflete uma situação que atinge a capital como um todo. Mesmo sendo uma das regiões mais desenvolvidas do Brasil, o DF ainda é uma terra de desigualdades. Entretanto, o grande vazão entre ricos e pobres tem diminuído gradualmente nos últimos anos, o que impactou de forma positiva a vida de muitos brasileiros e candangos. É o que demonstra o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), elaborado pela Fundação João Pinheiro (FJP), pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), divulgado ontem.

O levantamento faz parte do Atlas das Regiões Metropolitanas, uma ampliação dos dados do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) realizado pelo Pnud. Foram considerados 23 municípios que formam a Região Integrada de Desenvolvimento do DF e Entorno (Ride-DF). Plano Piloto, Lago Sul, Sudoeste, Noroeste, Águas Claras têm IDHM na faixa mais alta da classificação, entre 0,955 e 0,957 — o valor máximo é 1.

A Estrutural — onde Sérgio da Silva mora — ficou no último lugar da lista, ao lado do Recanto das Emas, de Samambaia, de São Sebastião e de Sobradinho 2. Todas empatam em 0,616. "A situação de desigualdade no DF é uma das mais graves do país. Às vezes, basta atravessar uma rua para passar de uma zona com o IDH mais alto para outra com o menor índice", afirmou o coordenador de Pesquisa da FJP, Olinto Nogueira, durante o lançamento do Atlas.

Avanços

Ainda que o cenário seja preocupante, o estudo aponta que a área do DF tem evoluído. Em 2000, o IDHM regional era igual a 0,680, situando-se na faixa de Médio Desenvolvimento Humano. Em 2010, o número cresceu para 0,792, alcançando a mais alta (veja Avaliação). Com o resultado, a capital federal ocupa o segundo lugar no ranking de regiões metropolitanas apresentado pelo Atlas.

Além disso, a disparidade entre os municípios da Ride é menor agora do que no início do milênio, tendência que se repete em outras unidades da Federação. "As periferias têm indicadores piores do que as áreas centrais, mas, por outro lado, os municípios

Fotos: Paula Rafiza/Esp. CB/D.A Press



O comerciante Sérgio da Silva, 29 anos, mora na Estrutural há 5 anos e acredita que a região está crescendo: "Antes, faltava ônibus, esgoto, educação. Agora, não temos tanto do que reclamar"

Metodologia

Ao todo, foram contempladas 16 regiões metropolitanas brasileiras, incluindo o Distrito Federal. Para o documento, as entidades envolvidas criaram o conceito de Unidade de Desenvolvimento Humano (UDH), áreas menores com características homogêneas e população suficiente para desagregação estatística, ou seja, cada cidade pode comportar uma ou várias UDHs. O objetivo é mostrar as diferenças intramunicipais, com base nos dados do Censo 2000 e 2010.

do Entorno foram os que apresentaram avanços mais significativos, o que ajudou a reduzir a desigualdade", explicou o ministro da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, Marcelo Neri.

Com a pesquisa, fica evidente que, mesmo com a melhora nos índices, o caminho a percorrer é longo. De acordo com os órgãos responsáveis pelo Atlas, a divisão intramunicipal oferece uma ferramenta inédita para que gestores e população avaliem os problemas de cada área por separado, a partir dos dados. "Além de mostrar que o país ainda tem muito a melhorar em relação à desigualdade social em suas cidades, a intenção do estudo é ajudar a criar políticas públicas que contribuam para melhorar a condição de vida das pessoas", explica o representante-residente do Pnud e coordenador do Sistema ONU no Brasil, Jorge Chediek.

Avaliação

Confira como os índices de desenvolvimento no Distrito Federal evoluíram nos últimos anos



ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO MUNICIPAL NO DF

2000	0,680
2010	0,792

INDICADOR EDUCAÇÃO

2000	0,516
2010	0,701

INDICADOR LONGEVIDADE

2000	0,791
2010	0,857

INDICADOR RENDA

2000	0,769
2010	0,826



As periferias têm indicadores piores do que as áreas centrais, mas, por outro lado, os municípios do Entorno foram os que apresentaram avanços mais significativos"

Marcelo Neri, ministro da Secretaria de Assuntos Estratégicos

Destaque na educação

O Distrito Federal também apresentou melhoras nos três indicadores que compõem o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM): educação, longevidade e renda. Entre 2000 e 2010, o primeiro passou de 0,516 para 0,701. O segundo cresceu de 0,791 para 0,857. E o último passou de 0,769 para 0,826. Os números apontam que a dimensão do ensino foi a que teve um avanço maior, com um aumento de 0,185.

A região que apresentou a melhor classificação nesse quesito foi Águas Claras, com 0,936. Nas últimas colocações do ranking, no entanto, podem ser encontradas algumas zonas rurais do Distrito Federal que atingiram índices de apenas 0,481. "Ainda que os indicadores de educação tanto

no DF como em outras regiões metropolitanas do Brasil tenham sido os que mais melhoraram, eles também são os que têm a maior disparidade entre os municípios", detalha o presidente do Ipea, Sergei Soares.

A estudante Renata Gama, 17 anos, mora na Estrutural e vivencia diariamente essa situação de desigualdade. À procura de melhores condições de ensino, matriculou-se no Centro Educacional 2 (CED 2) do Cruzeiro, onde cursa o 2º ano do ensino médio. "A diferença com as escolas da Estrutural é enorme. Além do CED 2 ser mais moderno, o ambiente de estudo é completamente diferente, e os alunos são muito mais dedicados. Sinto-me mais bem atendida", relata. (PS)



Renata mora na Estrutural e estuda no Cruzeiro: "Mais bem atendida"